



REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua Formosa 242-2.º—PORTO

Comp. e Imp. na Typografia Peninsular  
Rua dos Mercadores, 171—PORTO

REDATOR PRINCIPAL—Antonio Alves Pereira

Propriedade do Grupo (Aurora Social)

EDITOR—Naciel Barbosa

Condições d'Assinatura (Pagamento adiantado)

Um mez . . . . . \$05 (50 reis)  
Semestre . . . . . \$30 (300 reis)  
Um ano . . . . . \$60 (600 reis)  
Para fora do país acresce o importe do selo.  
Numero avulso \$01 (10 reis)

## A questão das responsabilidades

### As atrocidades

Os beligerantes que ensanguentam a Europa acusam-se reciprocamente das maiores atrocidades. Todos sabem entre nós as acusações que pesam sobre os alemães, sem dúvida bem fundadas. Os alemães, por sua vez, culpam os seus inimigos dos mesmos crimes. Dizem as horrosas devastações e crueldades dos russos na Prússia Oriental, na Galícia e na Bucovina, perfeitamente averiguadas e confirmadas por todos. Falam dos aviadores franceses que deixaram cair bombas sobre Schlettstadt, cidade aberta da Alsácia, matando e ferindo crianças numa escola, e alegam—razão bárbara, certamente—que foi por isso que eles fizeram o mesmo a Calais, Paris e Compiègne. Apresentam como causa e justificação da guerra infame de submarinos a navios mercantes o desumano bloqueio que procura privar de sustento um povo inteiro, incluindo milhões de mulheres e crianças inocentes.

A verdade é que todos tem razão nas suas acusações, pois a guerra é a ruína, a desolação, a selvajaria. Os que ainda não praticaram grandes atrocidades são os que combatem em seu território, por não terem podido invadir o do inimigo. Do que é capaz a soldadesca de todos os Estados europeus «civilizados» tem-se mostrado as guerras na África e na Ásia.

### Os preparativos militares

O mesmo sucede quanto ás responsabilidades dos diversos Estados no estalar do conflito. Inútil insistir sobre as responsabilidades dos dois impérios centrais, as únicas entre nós referidas e salientadas.

Mas as dos outros Estados não são menores. O socialista inglês Morel, num estudo cuidadoso, mostrou que, nos dez últimos anos anteriores á guerra, a Rússia e a França gastaram cerca de 160 milhões de libras esterlinas mais do que a Alemanha e a Austria em preparativos militares. Na marinha de guerra, ultimamente, vinha á frente das despesas a Inglaterra, depois a Rússia, depois a França, em quarto lugar a Alemanha. E que aqueles armamentos não eram para mera defesa de nações pacíficas; mostram-no claramente as aventuras coloniais, provocadas pelas oligarquias industriais e financeiras dos vários grupos de potências e por causa das quais esteve a cada passo iminente a conflagração europeia. A última—a conquista de Marrocos—foi das mais perigosas e muitos foram em França os que deram o alarme.

### As causas imediatas

Mas passemos ás causas imediatas da actual conflagração. A Austria e a Alemanha acusam a Rússia de ter tornado inevitável a guerra pelos seus maneios panslavistas nos Balcãs e na Galícia; pela sua pressa em decretar a mobilização, primeiro parcial, depois geral, quando já a Austria se mostrava disposta a entrar em acôrdo; pela sua recusa de desmobilizar, alegando dificuldades técnicas, quando a Alemanha lho pediu; pelas importantes medidas militares tomadas nos últimos tempos. A França é acusada de não fazer pressão em S. Petersburgo (hoje Petrogrado) para refrear os ardores bélicos da Rússia, tomando os apelos nesse sentido feitos por Berlim como maneios para

desfazer a aliança franco-russa. Quanto á Inglaterra, culpam-na de não ter evitado o conflito negando a sua cooperação, tendo antes animado a Rússia e a França com uma promessa de ajuda.

Quem escuta só as alegações de um dos grupos beligerantes, baseadas em factos reconhecidos por adversários; quem adopta o ponto de vista de um deles é naturalmente levado a dar-lhe razão e a aceitar a necessidade de todos os seus actos, mesmo aqueles que parecem de agressão. Assim, cada país parece fazer uma guerra de defesa, e disso está com efeito convencida a grande massa de cada um deles, incluindo os socialistas-patriotas.

Ora, poderão os revolucionários sociais ver as coisas de semelhante ponto de vista?

### Avaliação impraticável

Há primeiro a impossibilidade prática de fixar o grau de responsabilidades e a verdadeira qualidade de agressor, no instante necessário da acção.

Teóricamente, os estudiosos ainda podem determinar as várias doses de responsabilidade imediata; na prática, e sobretudo ao estalar da guerra, a grande massa acreditará piamente em tudo que lhe for impingido pelo governo e pela grande imprensa, e nem os mais precavidos terão meio de se informar. Na Alemanha fez-se erro ao povo, do começo, que o território nacional tinha já sido invadido e que fora violada a neutralidade belga, em socorro da qual acorriam as hostes do Kaiser.

Se em vez da Alemanha tivesse sido a Rússia a primeira a declarar oficialmente a guerra e a França a tivesse seguido, tomando igualmente a iniciativa da declaração, para impedir a hegemonia alemã e a vitória do «imperalismo germânico» (como a Itália), julgais vós que não teriam sido empregadas, com o mesmo êxito, as mesmas razões de defesa da pátria, da democracia europeia e da independência das nações? A Inglaterra tomou a iniciativa de declarar a guerra á Alemanha; e tê-la-ia tomado da mesma forma, como o reconheceram os seus estadistas e a sua imprensa, se a Bélgica não tivesse sido invadida; nem por isso faltariam, para entusiasmar o povo, as nobres causas a defender.

Quem verdadeiramente começou, ninguém o sabe, não o pode saber sobretudo o povo. A iniciativa da declaração ou da invasão é tomada como uma questão puramente técnica, como diz um socialista norte-americano. E nós não a podemos tampouco ter em conta, nem especialmente basear sobre ela, previamente, uma atitude, uma acção prática: o que devemos, ao contrário do que fizeram quase todos os socialistas autoritários de todos os Estados, é procurar obter que a acção operária antimilitarista e antiguerreira não se funde nessa distinção de responsabilidades, impossível e estranha aos interesses do proletariado, como classe que pretende emancipar-se.

### O nosso inimigo é o nosso amo

Mesmo teóricamente, se vemos dois grupos, igualmente armados e animados de propósitos guerreiros, marcharem um para o outro, que nos importa saber de qual deles partiu a primeira bordoadá?

Se a social-democracia austro-alemã estivesse animada de

verdadeiro espirito socialista e internacionalista e decidida a opor-se a uma guerra, sem distinções superficiais ou sofisticadas, teria certamente aproveitado a circunstância de ter partido dos impérios centrais a declaração oficial, o rompimento das hostilidades, pois que ela lhe facilitaria a sua acção revolucionária. Mas para isso era necessário justamente que tivesse pôsto de parte o conceito burguês de pátria-Estado, que não tivesse admitido as guerras de «defesa», sempre fáceis de arranjar na hora trágica, que não houvesse educado as massas nessas ideias anti-proletárias e anti-revolucionárias.

Aquilo só serviria, como argumento e como tática, para dentro do nosso próprio país frirmos bem as responsabilidades do nosso próprio governo, fazendo sobressair a sua vontade de guerra e concitando contra ele as cóleras e revoltas do povo. Mas nunca para calar ou obscurecer as causas primaciais das guerras, nunca para desculpar ou favorecer um dos governos ou grupos de potências.

Porque neste caso, se atribuímos ao estrangeiro a culpa de tudo, damos força ao nosso inimigo interno, justificamos de antemão no nosso país o militarismo e os armamentos—os quais são sempre de «defesa» e nunca ousam confessar intuítos agressivos,—e proporcionamos aos governos dos países «inimigos» uma boa arma contra os nossos camaradas de além-fronteiras. Os governos e patriotas para obter a unanimidade do seu povo e combater o internacionalismo, clamam o exemplo dos revolucionários que no exterior foram arrastados na onda guerreira; ao passo que os antigueristas invocam a atitude dos que lá fora se conservaram fiéis á Internacional proletária, e fazem silêncio sobre as nocivas palinódias dos outros.

### O nosso ponto de vista

Se então nos colocamos no ponto de vista dos nossos princípios gerais, mais clara ainda se torna a questão. As causas fundamentais da guerra são o Capitalismo e o Estado; o Capitalismo, isto é, a organização social cheia de antagonismos vitais, criando grupos de interesses suficientemente fortes para arrastar um país á guerra; o Estado, isto é, a violência organizada, servindo aqueles interesses, mantendo dentro das fronteiras as massas na sujeição e representando falsamente um povo inteiro, incluindo as classes oprimidas e exploradas.

Revelar, demonstrar, clamar essas causas é a função que nos cabe e que mais ninguém desempenha por nós: não somos demais para ela. Fixar o grau das responsabilidades mínimas e derivadas é encobrir os verdadeiros culpados e absolver os governos e as burguesias. Deixemos essa tarefa aos burgueses.

### Capital e patriotismo

Expondo as suas opiniões acerca da crise motivada pelo malogro dum empréstimo, em Espanha o conde de Romanones, político-mor e grande financeiro, mui sabedor do seu officio e sagaz conhecedor da sua gente, afirmou que aquela operação de finanças tinha sido bem concebida, mas mal executada, pois o capital não se mexe quando e apenas estimulado pelo patriotismo.

Está visível O patriotismo só move a gente cândida e pobre de espirito...

## Confissões e depoimentos

No jornal norte americano *Boston Sunday Post*, foi publicada uma extraordinária entrevista com Henrique Ford, grande fabricante de motores. «Se a Europa, se o mundo em geral, se os Estados Unidos tivessem despendido em promover a paz um milésimo do dinheiro gasto em guerras e preparativos militares», disse ele, nunca o mundo teria sido abalado por esta ou outra guerra.»

Depois de afirmar que os soldados deviam declarar uma greve geral, mostrou que só duas classes aproveitam com a guerra: os militaristas e os financeiros. Quanto a ele, ainda que lhe oferecessem preços tripos pelo fabrico de carros automóveis para fins militares, preferiria queimar a fábrica a aceitar uma encomenda.

«A causa do militarismo», continuou ele, «nunca é o patriotismo, é em regra o comercialismo. Discutindo as causas da conflagração, o raro industrial disse:

«Penso que esta guerra é em grande parte resultado da cubia da parte dos que dela tiram proveito. O homem que fabrica munições de guerra quer vendê-las. O homem desejoso de emprestar o seu capital a largo juro quer colocá-lo para fins guerreiros, que são os que produzem maior taxa. O homem que foi educado na sciência militar aspira a ter ensaio de mostrar as habilidades guerreiras que aprendeu, pois só desse modo pode alcançar fama ou qualquer outra recompensa adequada por todo o tempo e todos os esforços que a sua educação exigiu.»

A meu ver, todos esses homens merecem condenação mais severa do que os impotentes monarcas, e mais severa certamente do que os simples soldados rasos, pela carnificina em vasta escala que se realiza lá fora.

Se estivesse na minha mão, eu lançaria ao mar a polvora toda, arrancaria aos uniformes dos soldados e marinheiros os seus distintivos sem sentido e transformá-los-ia a todos em vestes próprias para o labor honesto. Puxaria para a terra todos os vasos de guerra e desmontaria todos os canhões e carabinas, convertendo os instrumentos selvagens em úteis instrumentos de trabalho, para benefício e levantamento da humanidade.»

Interrogado sobre se neste momento suprimiria o exercito e armada dos Estados Unidos, Henrique Ford respondeu sem hesitação: «Sim»

## Notas Rubras

### Em volta duma lei

Uma parte da organização operária anda-se movimentando no sentido de fazer com que a lei da regulamentação do horário de trabalho, há semanas promulgada, entre em execução em todas as indústrias.

Torna-se curioso que seja necessário reclamar para que certa lei seja aplicada, visto que, na maioria dos casos, é sempre o contrário que se observa. E' que, desta vez, a lei publicada tende a beneficiar o povo, e nestas condições é preciso reclamar, protestar, fazer barulho, para que essa medida seja posta em prática. Sempre assim foi; porrem. O parlamento, ao legislar qualquer regalia (?) a favor do trabalhador, além de sómente se decidir á isso quando forçado por imposições da classe interessada, procura intercalar nessas leis os atritos necessários para que o seu trabalho sofra demora e dificuldades na sua execução.

As regalias, pois, que são reivindicadas pela acção directa, pela força da organização, é que se podem considerar duradouras e inofensíveis.

Se o elemento operário desejar ver a mencionada lei a vigorar terá de se impor como o tem feito energicamente os empregados do comércio e os officiais de barbeiro. De contrario, essa lei não passará dum mono escarnecido e despresado.

Se a organização proletária tivesse a coesão indispensável, de ha muito que os obreiros disfrutariam um horário muito mais redusido que aquêle imposto pela citada lei.

E para confirmação desta verdade bastará atentar nos reduzidos horários que algumas classes já conseguiram. Energia e solidariedade é que é preciso haver nas classes produtoras, mais nada, para que as regalias que o operariado almeja não passem de anseios.

C. RODRIGUES

## Notas Singelas

### Excentricidades biológicas

Deitou fela no casarão de S. Bento o preclaro deputado Rodrigo Rodrigues, apresentando ao critério legislativo dos seus colegas um projecto de lei tendente a evitar as práticas neo-malthusianas. S. Ex.ª, na alta ponderação da sua mioleira, entende ser um atentado contra a natureza os vários processos adoptados para evitar a procreação. Portanto, estribado nestas e noutras razões, entre as quais sobressai a da vitalidade da raça, quer s. ex.ª que as autoridades providenciem devidamente afim de se evitar a despolação que, em caso oposto, se fará sentir enormemente.

A república triunfante devido ao esforço audaz e temerário de alguns homens que por ela perderam a vida, constitue, neste vale de lágrimas, um excelente viveiro onde os pombos e pombinhos engalanados de verde-rubro, vomitam os dejectos nauseabundos das suas indigestões, onde as inteligncias sub-mediocres, apagadas na obscuridade irrequieta da sua inépcia, elevadas, á ultima hora, ás culminâncias himalaicas duma profunda penetração científica, exteriorisam, em esguichadelas de palermico, todas as calinadas próprias de subitís biológissas. Ora as razões apresentadas pelo alustrado Rodrigo para justificar o seu projecto, são tam demonstrativas do desarranjo mental da sua tola, que francamente, eu não me demorarei muito em as contraditar, porque demais sabem os leitores a insensatez, a inconsciência e sobretudo a entença reservada e cinica que elas encerram.

O que sobremaneira preocupa o espirito do legislador,—diz ele—é a diminuição cada vez maior da população; depois, a vitalidade das raças e tambem a manifestação de doenças produzidas pelo emprego das subreditas práticas, radicaram-lhe a convicção de proibir, como uma necessidade inadiável, o desenvolvimento do neo-malthusianismo. Não querem vêr os leitores este cavalheiro a armar em flantorôpo, receoso de que as riquezas sociais não tenham por quem ser distribuidas! Na eminência biológica da sua cerebração, preocupase obstinadamente com o assunto em referencia, receando não haver, no futuro, herdeiros do patriómio que ele e quejandos como ele tam cancelosamente deem edificando. Assim, intende S. Ex.ª que a procreação se deve fazer sentir abundantemente para assim assegurarmos a nossa vitalidade.

«Sim senhor! O homensinho não está com meias medidas: fala de sassombradamente, com jorradas de eloquência e canastras de jocosidade! Para ele, os bandos numerosos de desocupados, dos que enganam a fome com uma cõdea de pão seco e bolorenta, prontos sempre a oferecerem os seus serviços em troca dum emprego, embora o conquistem por meios que repugnam ao espirito recto dos homens livres, para ele, diziamos, de nada vale este desregramento flagrante que acarreta prejuizos de toda a ordem, tais como sejam o depauperamento das massas e o enfraquecimento das gerações vindouras; para ele, nada vale os mi-